

PENSAR A FÉ¹*Card. Gerhard Ludwig Müller²***1. Relação pessoal**

Objeto da Teologia é a fé, testemunhada pela Igreja, na auto revelação de Deus na pessoa e na história de Jesus de Nazaré. Esta autocomunicação de Deus tem o seguinte objetivo: que “os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, [tenham] acesso ao Pai no Espírito Santo e se [tornem] participantes da natureza divina”.³

A fé é um ato de relação pessoal do homem com Deus, que se diferencia, em sua origem e realização, da pura e simples tomada de posição diante de um determinado estado de coisas, tal como é aspirado pela razão científica, mas que, entretanto, pode ser expresso e refletido com a ajuda de métodos científicos, bem como ser evidenciado em sua global relação com a realidade, em particular no que concerne à salvação do homem. Fé e razão não se excluem mutuamente. São elas os dois polos de uma mesma realidade, que se referenciam reciprocamente e tornam o homem capaz de indagar e de conhecer o ambiente como criação e o homem como criatura, capaz de indagar e conhecer a si mesmo e a sua essência.

2. A fé – origem e fim do homem

Em nossa profissão de fé existe já o núcleo de um encontro com Deus, orientado conforme a razão humana. Razão e razoabilidade não seriam conceitos irreconciliáveis com a fé, ainda que esta seja justamente a acusação que as teses pluralistas ou relativistas constantemente apresentam. A fé não é uma imaginação subjetiva, ou mesmo algo puramente psicológico, mas, ao contrário, é um elemento concreto e objetivo da realidade vital humana. Enquanto ser intelectual, o homem é concebido de tal modo que não [pode] esconder

1) Conferência proferida na Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, no dia 20/2/2013. Trad. do italiano: Felipe de Azevedo Ramos, EP.

2) Atual Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (desde julho de 2012).

3) *Dei Verbum*, n. 2.

Deus à razão. ELE o criou, Ele é o LOGOS que abraça tudo, e somente Ele pode finalmente nos conduzir à experiência e ao conhecimento. O homem pensa sobre si mesmo e sobre o mundo e, portanto, pensa sobre seu fundamento transcendente, do qual todas as coisas se desprendem. Ele usa a sua razão. Como pode a razão pensar sobre si mesma, de modo geral, sem a sua relação com Deus? Precisamente pelo fato de a fé não se compreender a si mesma que ela não é expressão de uma experiência irracional que vai além da razão, ou um êxtase espontâneo com objetivos esotéricos, ou mesmo uma interpretação especulativa do mundo. Antes, ela avança no objetivo de mostrar definitivamente a origem e o fim do homem no horizonte da relação pessoal entre Deus e homem, a qual, com a introdução da revelação de Deus na Encarnação, torna-se compreensível de modo pessoal e historicamente concreto na pessoa de Jesus de Nazaré, cuja obra salvífica de redenção é continuada na Igreja pelos sacramentos e pela pregação. A fé provém da escuta da Palavra de Jesus (*fides ex auditu*) e é levada à sua plenitude pela adesão pessoal e individual ao plano de Deus: “Pois a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo” (Rm 10,17).

3. Universalidade do plano

É precisamente em razão do plano universal da afirmação de que, no Nome (isto é, na Pessoa) de Jesus, Deus oferece a salvação a todos os homens (cf. At 4,12; Jo 14, 6; 1Tm 2,4s.), que se evidencia como imprescindível uma garantia acerca da “solidez da doutrina” e do fundamento histórico do Evangelho de Cristo (cf. Lc 1,1-4). Através da tarefa universal da Missão (cf. Mt 28,19), não é permitido à Igreja se retirar do próprio âmbito como um grupo religioso. A Igreja enquanto sacramento de salvação do mundo em Jesus Cristo⁴ está numa relação dinâmica com o mundo, com toda a humanidade e a sua história. Um discurso de fé conforme a razão e uma transmissão do Evangelho argumentativa são inseparáveis do caráter dialógico da Palavra de Deus, “estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede” (1Pd 3,15).

O problema de fundo consiste, pois, no seguinte: como é possível nascer uma aproximação do homem em relação a Deus, uma fé na palavra de Deus conforme a razão, uma aproximação que, entretanto, permanece ligada à mediação humana da Palavra de Deus na palavra humana (1Ts 2,13), sem que

4) Cf. *Lumen gentium*, n. 1.

o homem, por sua parte, em seu discurso sobre Deus, tenha que se circunscrever a si mesmo e às suas ideias a respeito de Deus. Aqui se retoma a o caráter de suspeita que sustentava a possibilidade de desmascarar a Teologia como a auto alienante afirmação do homem sobre si mesmo no fictício *medium* entre Deus e sua Revelação. De modo bem fundamental põe-se, pois, o problema de como a “razão” possa, em geral, ser definida e qual tipo de razão (da filosofia ou de alguma ciência em particular), posta historicamente em cena, possa ser o ponto de referência no sistema relacional “fé-razão”.

Para pensar a fé, o mundo tem necessidade de uma razão que não fique muda diante do divino. E nenhuma razão que seja destinada, sujeita aos dados oficiais e às leis dos puros métodos das ciências naturais, poderá se dedicar de maneira aberta e ilimitada à questão de Deus.

Antes, é o LOGOS divino que em Jesus Cristo tomou forma humana — é a fé, que a razão aprende a compreender, e a razão sobrevém à fé, e a liberdade age conscientemente.

4. Correlação entre fé e razão

No prefácio à nova edição de seu clássico livro *Introdução ao Cristianismo*, do ano 2000,⁵ o então Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Cardeal Joseph Ratzinger, com uma distância de quase quarenta anos e com um novo olhar sobre sua própria obra, explica: “O termo logos significa razão, sentido, mas também palavra”.⁶ E, abordando o Prólogo do Evangelho de João, identifica o Logos com Deus, a tal ponto que emergem claramente, em primeiro plano, também as consequências para a compreensão do mundo e do homem: “Deus, que é Logos, assegura ao homem a racionalidade do mundo, a racionalidade do existir”.⁷

Assim, o homem é tal enquanto criatura de Deus, do Logos, da Razão, mas também enquanto ser que está à escuta de Deus, que responde a Deus, que dialoga com Deus — mas também, claro, com os homens de todas as culturas, que têm coração sincero e razão pronta a interpelar de longe para chegar ao conhecimento de Deus.

5) RATZINGER, Joseph. *Introduzione al Cristianesimo. Lezioni sul Simbolo apostolico. Con un nuovo saggio introduttivo*. Queriniana: Brescia, 2008, p. 21.

6) Ibid.

7) Ibid.

Neste contexto de reflexão sobre o “pensamento da fé”, insere-se também a releitura do famoso *Discurso de Regensburg*, realizado pelo Papa Bento XVI durante a sua viagem pastoral, em setembro de 2006, à Universidade de Regensburg. “Não agir com o Logos é contrário à natureza de Deus”.⁸ Esta frase programática descreve a correlação entre fé e razão. De maneira impressionante, este recíproco aprender da fé e da razão é explicado no já memorável Colóquio que Joseph Ratzinger empreendeu com o filósofo alemão Jürgen Habermas em 2004, na Katholische Akademie de Baviera.⁹ Uma vez que a racionalidade ocidental, a partir de sua fundação teórico-histórica e dos processos de pensamento que se escondem atrás dela, não é divisível por parte de toda a humanidade, e por isso não pode operar de maneira ilimitada — sem fronteiras —, Ratzinger exige uma presteza no aprender: a fé da razão e a razão da fé, uma vez que na religião existiriam patologias ameaçadoras, o que tornaria necessário aceitar a luz divina como um meio corretivo. Se vigora o princípio segundo o qual “não agir com o Logos é contrário à natureza de Deus”, então a religião tem necessidade da razão como princípio ordenador e, eventualmente, purificador. A razão não é colocada ao lado da religião apenas como aditivo, mas, antes, a sua origem está no Logos, que é Deus. A Teologia como ciência está sujeita, porém, a uma clara hermenêutica. Se não pretende ser somente ciência da religião, ela pressupõe então a fé em Deus. A teologia há de se configurar sempre sob o sinal da existência de Deus e de sua realização no espaço da Igreja.¹⁰

5. Razão e transmissão da fé na Igreja

A Igreja cumpre o encargo de Jesus de anunciar o Evangelho no mundo. A esse respeito, não se pode esquecer que a teologia é uma função particular da Igreja, é parte dela, por isso, deve também ser sempre eclesial, confiada à responsabilidade da Igreja e sempre referente a ela em seu caráter de serviço.

A especial relação da teologia científica com a Igreja não pode se limitar a uma lealdade exterior. Antes, faz parte da essência da Teologia que ela car-

8) BENTO XVI. *Discurso na Aula Magna da Universidade de Regensburg*, 12/9/2006.

9) HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. *Dialektik der Säkularisation. Über Vernunft und Religion*. Freiburg: Herder, 2004.

10) Cf. sobre isso os aprofundamentos de MÜLLER, Gerhard Ludwig. Die hermeneutische Grundfrage der Theologie: Ist der Mensch Hörer einer möglichen Wortoffenbarung Gottes? In: idem. *Vom Vater gesandt. Impulse einer inkarnatorischen Christologie für Gottesfrage und Menschenbild*. Regensburg: Pustet, 2005, p. 13-22.

regue, na figura eclesial e na transmissão da fé, a interrogação especificamente teológica, onde ela, por outro lado, já pressupõe sempre os artigos de fé testemunhados pela Igreja como seus princípios. Isto diferencia a Teologia da ciência da religião, no que tange ao objeto formal. A liberdade da Teologia consiste, portanto, não numa dispensa do objeto dado previamente a ela e do método adequado a ele. Isso equivaleria a uma autodestruição da Teologia. A liberdade da Teologia consiste em que ela se compreenda a si mesma, em conformidade com sua própria natureza, no contexto da vida eclesial, como exigência de aprofundamento, e sempre também como exigência crítica, bem como, no interesse antropológico de todas as ciências, forneça uma contribuição essencial à configuração humana da vida. *Pensar a fé* significa também requintá-la, reparará-la para os não-crentes e oferecê-la como decisão de vida. Isto acontece no espaço da Igreja, uma vez que ela recebeu, do próprio Cristo, os instrumentos de salvação, os sacramentos, postos à sua disposição. Enquanto Corpo de Cristo, ela é o “sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano”.¹¹

6. Pensar a fé na unidade das disciplinas

A explicação da confissão de fé e da práxis tem necessidade da unidade de todas as disciplinas da Teologia. Uma justaposição desconectada e confusa acarretaria, de um lado, com a diminuição do perfil específico de cada uma das disciplinas particulares em sua relação com a tarefa global da Teologia, e, de outra parte, não estaria à altura do objeto formal ao qual é dedicado o trabalho científico e a competência científica. Se por “Teologia” se entende, em princípio, o esforço científico para esclarecer a fé de maneira conforme a razão, para esclarecer a sua realização histórica e o seu plano eclesial, como também social, de contribuir para dar forma à sociedade, há, então, a necessidade de um conhecimento global dos nexos entre teologia fundamental, história dos dogmas e teologia sistemática, sob a base das matérias histórico-bíblicas como permanente referência às positivas afirmações de fé na Palavra de Deus. A alusão à Sagrada Escritura se encontra especialmente na Constituição sobre a Revelação *Dei verbum*, do Concílio Vaticano II: “A sagrada Teologia apoia-se, como em seu fundamento perene, na palavra de Deus escrita e na sagrada Tradição, e nela se consolida firmemente e sem cessar se rejuvenesce, investigando, à luz da fé, toda a verdade contida no mistério de Cristo.

11) *Lumen gentium*, n. 1.

As Sagradas Escrituras contêm a palavra de Deus, e, pelo fato de serem inspiradas, são verdadeiramente a palavra de Deus; e por isso, o estudo destes sagrados livros deve ser como que *a alma da sagrada Teologia*.¹²

Nutridos pelo estudo da Escritura, tanto a pesquisa histórica — contendo sempre maiores certezas —, quanto o trabalho global de conteúdo sistemático, são retomados no presente desenrolar da vida cristã: a *Martyria*, *Leiturgia* e *Diakonia* como fontes teológicas essenciais de conhecimento.¹³ Pelo axioma “pensar a fé”, o entrelaçamento de cada disciplina no conjunto de todos os tratados é, outrossim, imprescindível quanto à relação de recíproca inclusão e colaboração com a práxis típica da realidade vital e a práxis eclesial. Na permuta íntima entre estas dimensões aprendemos a pensar *e* a viver a fé.

7. Conclusão

Gostaria de concluir com uma citação de nosso Santo Padre, o qual, como quase nenhum outro teólogo da atualidade, pôs no centro de sua reflexão sobre a fé, desde o princípio de seu trabalho científico, a ligação fé – razão – verdade – confissão de fé – pensamento. Eis uma citação, extraída do discurso não pronunciado na Universidade *La Sapienza* de Roma, que resume muitos dos elementos que somente pudemos esboçar, por meio de uma autodescrição do Papa referente à sua responsabilidade pela razão, a verdade e a fé, quando diz:

Para além do seu ministério de Pastor na Igreja e com base na natureza intrínseca deste ministério pastoral, é sua missão manter desperta a sensibilidade pela verdade; convidar sempre de novo a razão a pôr-se à procura da verdade, do bem, de Deus e, neste caminho, estimulá-la a entrever as luzes úteis que foram surgindo ao longo da história da fé cristã e, assim, sentir Jesus Cristo como a Luz que ilumina a história e ajuda a encontrar o caminho rumo ao futuro.¹⁴

12) *Dei verbum*, n. 24.

13) Cf. MÜLLER, Gerhard Ludwig. *Art. Exegese V. Exegese und systematische Theologie* (LThK³, 3 [1995], 1101-1103).

14) BENTO XVI. *Discurso para o encontro na Universidade de Roma La Sapienza*, previsto para o dia 17/1/2008. Contudo, foi cancelado no último momento em 15/1/2008.